

O Rugido

Estávamos conversando na sala de jantar da casa onde morávamos – lugar onde nunca nos encontrávamos para fazer refeições, que eram feitas todos os dias na sala da frente. A comida (sempre peixe cozido, peixes pescados pelos jangadeiros, que saíam todas as manhãs para pescar) era preparada na casa do engenheiro Manuel Dantas, que morava perto de nós.

Assim, na sala da frente, recebíamos e tomávamos o café, pela manhã, com cuscuz de milho; almoçávamos e jantávamos. As nossas reuniões na sala de jantar aconteciam apenas para podermos nos entreter em conversas que giravam, quase sempre, sobre as ameaças a que estávamos sujeitos; nós, que trabalhávamos numa demarcação de terrenos devolutos e ocupados pelos antigos índios que se instalaram, há séculos, naquele recanto da Baía da Traição.

Meus dois companheiros de casa e de trabalho, o Holanda e o Alencar, tinham sempre uma novidade para contar: uma vez, se aproximaram de mim e, envolvidos num ar de preocupação e mistério, me levaram até a pequena calçada do Divino Amor, onde ardia uma luz contínua, de dia e de noite; ali me revelaram que estávamos seriamente ameaçados pelos caboclos do aldeamento de São Francisco, principal reduto dos índios da Baía. Os habitantes dessa aldeia, que era o núcleo principal dos seus encontros, estavam ciosos de suas terras e temiam que os Dantas do Engenho Barro Branco, sendo seus vizinhos, procurassem nelas penetrar. Os meus dois companheiros me anunciaram que, daquela data em diante, iríamos trabalhar sob a proteção de guarda-costas, o que efetivamente se deu.

Tinha-se, quando as coisas eram mesmo graves, o recurso da velha sala de jantar para contarmos entre nós as nossas dúvidas e suspeitas.

Estávamos, assim, conversando uma noite nessa sala quando, entre os rumores do mar, próximo, e o ramalhar dos coqueiros, ouvimos um galo cantar muito longe. O estranho e misterioso canto, isolado e único, naquela hora pouco avançada da noite, nos fez silenciar de repente. Passada a surpresa, as nossas almas, já povoadas de coisas fantásticas, se deixaram arrastar para o domínio da ilusão, da magia, e cada um de nós contou uma história que, de certo modo, se prendia àquele canto de galo.

– Que canto esquisito!, disse um.

– Alguém morreu! Um canto como este eu já ouvi e foi um anúncio de morte, disse outro.

– Anúncio de morte? Como se explica isto?

– É fácil de explicar, disse o segundo.

E começou a contar como, anunciada pelo canto de um galo, se deu uma morte distante; daí lhe veio a idéia de que o canto de um galo, antes da meia-noite, era sinal de morte.

– E assim falou:

Isto se deu numa noite em que visitei o aldeamento de São Francisco. Tínhamos acabado de jantar boa feijoada em casa do morubixaba, o caboclo Caetano, e ficamos como estamos agora, conversando; estávamos, como sabem, muito longe da praia – quando se ouviu, também como agora, cantar o galo, antes da meia-noite.

Aquilo nos confrangeu, aquele canto único e isolado, muito antes das horas em que é comum o canto do galo: nos entristeceu como revelação de algum acontecimento triste ou milagroso ou macabro.

Na manhã seguinte soubemos, de fato, o que tinha acontecido: dois homens passaram a noite anterior, completamente embriagados, por uma praia de areia movediça, aliás, por essa mesma duna de areia que é habitual se encontrar por toda essa costa que nós todos conhecemos; praia como esta aqui temos, e está sempre a se mover de um lugar para outro. Deitaram-se naquela

areia e adormecerem curtindo a carraspana. Ao amanhecer, dos dois foi encontrado apenas um, o outro tinha desaparecido. A polícia prendeu o que restara e submeteu-o a interrogatório e torturas, sem que pudesse chegar à conclusão de que ele tinha eliminado o companheiro. Tampouco, não obstante as buscas, foi encontrado o seu cadáver ou qualquer indício de ter sido assassinado. Mas, no dia seguinte, com a mudança da direção do vento, a duna começou a desfazer o que tinha feito na véspera e começou a aparecer um cadáver – que teria sido soterrado na noite anterior.

A terra tinha enterrado, ela própria, o corpo vivo de um homem. O homem, o bêbado que faltava, que tinha desaparecido e o próprio companheiro não soube responder pelo seu destino. O soterramento feito pela duna deve ter começado pelos pés e depois, aos poucos, prosseguido pela cabeça. Embriagado, sem forças para se libertar da prisão da grande massa que passava sobre ele, o outro bêbado acabara sendo asfixiado pela areia, sem que o amigo nem mesmo suspeitasse. O aparecimento do corpo só foi notado por alguns pescadores que, por volta de onze horas da noite, passaram no local. Foi exatamente a esta hora que o galo cantou...

Alguém conjeturou:

– Este galo teria também visto o cadáver?

– Não sei, respondi – trata-se de um mistério, sobretudo porque ele devia estar nas proximidades do aldeamento, e este, como vocês sabem, está muito longe da praia. Uma morte um pouco parecida com esta eu também assisti; uma história, pelo menos tão misteriosa como esta, eu poderia contar – tão imprevista e quase tão inexplicável como esta –, provocada pelo deslocamento de uma duna.

– Agora vamos lá, como se deu essa morte? perguntaram todos.

Para quem trabalha no campo – como nós todos que estamos aqui – o dia em que aconteceu esse fato que vou descrever, era um dia surpreendente. Todos nós sabemos que durante dias, durante meses, as coisas se passam no campo sem nada de novo: não vemos uma cobra, não encontramos um camaleão, nem mesmo um nambu ou teju; mas, de repente, dentro das matas, dos canaviais, dos capinzais, surgem pequenas cobras inofensivas, ou cascavéis e urutus, pelo meio das picadas e dos caminhos. Por onde andávamos, jararacas apareciam deitadas dentro d'água. Foi num dia assim, muito raro para quem trabalha no mato, um dia que gosto de chamar surpreendente, que se deu o trágico acontecimento: logo ao chegar às terras do Engenho Curado, que fica um pouco depois do velho engenho São Paulo, na época reduzido à bela Casa Grande que lá existia. No Curado, fazia eu, para a Comissão Geodésica do Recife, um levantamento hipsométrico. Logo ao chegar às terras do Engenho Curado, encontrei os pés de imbaúba cobertos de camaleões; vários moradores do local os prendiam e levavam para casa, com a intenção de comê-los. Vocês sabem que os camaleões se comem, e são de sabor agradável. Além desse inesperado espetáculo nas imbaúbas, encontrei no mesmo dia uma cobra coral de cauda rombuda, quer dizer, das mais venenosas; e, além disso, deitada dentro de uma levada; uma jararaca com as suas malhas, pretas e brancas; aproximei-me e olhei-a de perto; a cobra deu uma rabanada e teria me atingido com o seu bote, se não estivesse meio tolhida pela água. E, para mostrar que aquele dia era dos mais surpreendentes, achei no chão dois ninhos de nambu e um de jaó. Toda a vida do campo e das matas tinha surgido de repente.

Foi um dia, como acabo de descrever, verdadeiramente espetacular, e, com tantas aparições, quase deixei de trabalhar. Depois que cobri poucas estações, chegou a hora de regressar, e logo me fiz a caminho, a pé, dentro de um areal frouxo, o que tornava a marcha difícil. Já tinha percorrido uma certa distância, quando, imprevistamente, ouvi um grito agudo naquela planície

arenosa e deserta; os caminhos eram marcados no chão por alguns sulcos na areia e pequenas faixas de grama verde e rala.

Ouvi um grito agudo, doloroso. Que teria sido? pensei comigo. Depois de quase dez minutos de caminho e já bem perto da estação da estrada de ferro onde deveria tomar o trem para o Recife, encontrei um homem deitado, quase sem voz e sem fôlego. Sobre suas pernas desnudas, várias pequenas cobras; seis ou sete cobrinhas jararacas – apenas saídas dos ovos. As pernas do homem estavam mordidas em vários lugares e sangravam. Ele parecia quase morto. Tinha as veias tumefactas parecendo outras pequenas cobras. Procurei, naquele deserto, alguém que pudesse ajudar com o homem caído. Ajudar a levantá-lo e conduzi-lo até a estação, não foi possível. Apressei então a minha marcha para a estação, onde comuniquei a ocorrência. De lá, pelo telefone, foi a mesma comunicada à polícia, que o recolheu já morto.

Desta vez, não houve canto de galo anunciando a morte, mas houve o próprio grito do homem que morrera.

Soube, no dia seguinte, que o morto estava bêbado, e penetrara inconscientemente, já madrugada, naquela planície; caíra e adormecera ali sobre a grama rala. Não sentira a presença das pequenas cobras que estariam lá, quando ele adormeceu – ou chegaram ainda quando dormia. Quando veio a si, já estava todo mordido e envenenado. Apavorado, dera o grito angustiado que eu ouvi.

– É alarmante e imprevisível esse grito, assim dentro de uma charneca deserta – disse Holanda; mas não há nenhuma relação entre essa morte e a morte por afogamento numa duna solta.

– Essa história parece mais, disse Alencar, com a que ouvi quando aqui estive pela primeira vez; mas não se trata propriamente de um grito, e, sim, de um rugido. A história me foi contada por um viajante que por aqui passou naquele tempo: contou que vinha de Mamanguape, pelo caminho deserto que se segue dessa cidade à Baía da Traição; vinha montado num pequeno burro, bom andador dos caminhos; tudo ia muito bem, muito certo, tudo na paz do Senhor, como se diz, quando cheguei, disse ele, na altura daquela passagem por dentro da mata, que encobre um curso d'água volumoso, e que somente caçadores sabem onde nasce e em que direção ele corre. Senti que o burro andava meio trôpego; aquele lugar era mais ou menos suspeito para todos que viajam sozinhos. Eu e meu burro passávamos por esse local quando ouvimos um rugido. Era um rugido do alto, sem explicação nenhuma, porque não havia animal, que eu conheça, capaz de emitir um som tão agudo e prolongado. De onde vinha aquele rugido, aquele grito terrível?

O viajante disse exatamente esta palavra: terrível; porque, como ele acrescentou, o burro parou de repente, começou todo a tremer e a suar em bica. De que natureza era o rugido que atingia um animal inconsciente como um burro, a ponto de ele sentir no corpo uma espécie de comunicação, talvez de outro mundo, talvez ligada a um poder mágico que o atingia? Não é possível saber-se. Fiquei muito tempo perplexo esperando que outro rugido igual viesse, através, ou entre os ramos daquela mata misteriosa; porém, nada mais se ouviu; o rugido foi único e retumbante, ganhando todo o espaço deserto daquela região que, como sabemos, raramente é visitada por viajantes. Naquele silêncio dominante, naquele silêncio que fazia parte do universo e da natureza que ali estava implantada como que por uma ordem divina, que envolvia todos os seres e todas as coisas, um rugido como aquele, tão penetrante e tão avassalador, só poderia vir, magicamente, do próprio silêncio. Era o rumor, a voz do próprio silêncio, ou melhor, dizendo, era a explosão do silêncio. Ninguém se lembrou que o silêncio pode ser uma energia ainda desconhecida e que sua concentração pode, ou se abafar inteiramente, ou explodir; ou ainda, o rugido talvez fosse a ilusão de uma voz motivada pela presença do silêncio, voz de um ser qualquer daquela natureza misteriosa – de uma árvore, de

uma folha, de uma cotia, de um peixe. Ou mesmo, quem sabe, fora a própria materialização do silêncio. Se não a explosão, a implosão do silêncio.

Essas últimas palavras, divagantes, desencontradas, Alencar atribuía à tendência, do homem que contou a história, para a poesia, para o devaneio. O certo é que, três dias depois, explicou-se: apareceu, ainda que de um modo duvidoso, a origem do rugido: na praia de Coqueirinhos, viu-se um animal marinho, que não era baleia, nem tubarão, nem espadarte, mas um ser completamente desconhecido, um ser estranho, talvez nunca visto – ou raramente visto – no mar. Forma de um peixe enorme, como eram aqueles monstros marinhos que freqüentavam a fauna marítima da época antediluviana. Apareceu em Coqueirinhos, na praia, ainda agonizante, estendido na areia. O animal estava ferido, tinha se empenhado em alguma luta nas profundidades do oceano onde vivia e... veio morrer na praia.

A esse animal, com o tempo, se associou o rugido de que falou o viajante, pois esse uivo não foi um sonho, nem um devaneio de viajante. Foi realmente ouvido por diversas pessoas; houve mesmo quem se lembrasse de outros casos semelhantes – certamente pessoas já idosas, ligadas, desde o nascimento, àquelas paragens –, casos de aparecimento de monstros marinhos nunca vistos, desde que o mar, na sua imensidão, ainda tinha mistérios insondáveis.

Depois dessa última, ninguém mais falou, e o que tenha motivado o canto do galo antes da meia-noite – canto que fez surgir essas três histórias e anunciou realmente a morte de alguém – é possível que se venha a saber algum dia.